

Dos pesos do hífen

Este volume abre com um diálogo entre dois quadros: *Os Emigrantes* de Domingos Rebelo, e *Os Regressantes* de Tomaz Vieira. A eloquência das imagens vale bem mais do que um verboso prefácio. *Os Regressantes* espelha em magnífica síntese a cultura hifenada, tema central do conjunto de ensaios deste livro. Uma análise comparativa das duas pinturas permitir-nos-ia identificar os elementos de aculturação que anos de América impuseram aos emigrantes. Não é este o lugar para levar a cabo tal empreendimento. Ficam as telas com as suas inúmeras sugestões como referência de fundo à problemática abordada nas páginas que as seguem.

Quase quarenta anos de América estão na base dos ensaios agora reunidos em volume. Escritos entre 1983 e 2010, são ao fim e ao cabo um livro elaborado ao longo de um quartel. Se não foram concebidos como tal, acabam por constituir uma reflexão continuada, simultaneamente aprofundada e expandida de capítulo para capítulo. Encomendado cada um para uma ocasião específica, fui aproveitando o ensejo para prosseguir na revisitação de questões que a experiência da diáspora me impunha. O conjunto é, afinal, um vaivém entre as duas margens do *rio* Atlântico, pé em terra portuguesa, pé em solo americano, onde há comunidades portuguesas hifenadas, concentradas sobretudo na Costa Nordeste e na Califórnia (as comunidades do Canadá estão frequentemente implícitas, daí a referência a «comunidades norte-americanas», ou da América do Norte, o que significa não apenas dos EUA). Juntando a experiência e

unindo-a à teoria e, sobretudo, testando esta contra aquela, porque do chão nasce (ou deve nascer) o saber.

Já tenho explicado noutros lugares que a problemática dos valores, da ideologia, das mundividências e a intimamente associada questão da identidade cultural, têm sido centrais nas minhas preocupações teóricas. Tentei mesmo algures explicar essa obsessão pelo facto de ter viajado de mala às costas entre visões do mundo, se não antagónicas, pelo menos em sério conflito. Aterrei no universo americano muito antes de a globalização (que é, em grande parte, americanização) começar a galgar terreno tão avassaladoramente nos Açores e no Portugal que me criaram e moldaram.

Hifenado assim por cerca de quatro décadas de América do Norte, sou-o também por possuir dois passaportes, embora em toda a parte me identifique sempre como português. O peso do hífen tem sido para mim mais do que sustentável. Leve, direi mesmo. Diferentemente não-de sentir muitos dos meus patrícios. Não poucos prefeririam libertar-se da hifenação. O peso para esses está exactamente no facto de não lhes ser possível libertarem-se mais do hífen, quando prefeririam dar o salto definitivo para esta margem. De igual modo, não podem libertar-se dele os outros patrícios que gostariam de manter uma L(USA)lândia à imagem e semelhança de Portugal. Nem tão-pouco escapam aqueles que optaram pelo regresso definitivo à terra-mãe. Mesmo que fizessem por esquecer-lo, os que lá os recebem são os primeiros a lembrar-lhes esse hífen que levaram na bagagem. Nada disso é necessariamente bom ou mau, simplesmente uma realidade nossa. Dos que da pátria saíram, dos que ficaram por cá e dos que regressaram. Voluntária ou forçadamente.

Deste modo e neste contexto, a maioria dos escritos deste volume constitui uma ponte entre os meus ensaios teóricos e

as crónicas (mais a ficção). Até porque, na sua maior parte, está patente a marca de oralidade. Redigidos, com algumas exceções, para serem ouvidos por públicos curiosos mas de interesses e especialidades mistos, tive sempre (como continuo tendo) uma outra preocupação: a de falar claro, esforçando-me por eliminar dos textos tudo o que possa toldar o seu entendimento por um auditório capaz e interessado em compreender-me. Não lhes alterei por isso o estilo, nem lhes academizei o vocabulário.

Faltam aqui os ensaios em inglês que no mesmo período e em idênticas circunstâncias fui escrevendo para auditórios de língua inglesa. Alguns são desnecessários por falarem de realidades familiares aos leitores portugueses. Outros, repreendo-me mesmo por não me ter dado à paciência de traduzi-los, mas essa auto-repreensão não me moveu a levar a tarefa a cabo.* Um dia bem poderão vir a encontrar-se todos num volume em inglês.

Os destinatários dos textos aqui reunidos foram portugueses e lusófonos de Los Angeles a Toronto, de Cambridge ou de Washington, DC; das ilhas das Flores, São Miguel, ou Madeira, de Lisboa ou de Coimbra. Agora, o seu público será – espero – não apenas quem se interessar por essas questões da diáspora, visto muitas tocarem cada vez mais o quotidiano de qualquer cidadão português, sobretudo os dos meios urbanos.

* Entre eles estão, por exemplo: Burt Feintuch e David H. Watters, eds., *Encyclopedia of New England* (New Haven: Yale University Press, 2005), 395-397; «Value conflicts and cultural adjustments in North America», in Carlos Teixeira e Victor P. Da Rosa, *The Portuguese in Canada. Diasporic Challenges and Adjustment* (Toronto: Toronto University Press, 2009), 255-268; e «Portuguese», «The Portuguese-American communities and politics. A look at the cultural roots of a distant relationship», *Gávea-Brown*, vols. XIX-XX (1998-99), 229-243.

Elas são, aliás, insistentemente trazidas à baila no foro público. Com efeito, num mundo a globalizar-se vertiginosamente, cada vez esta problemática é menos alheia ao universo cultural português, tendo-se tornado pão quotidiano nos noticiários e debates televisivos. Até mesmo Portugal vive hoje em confronto diário com comunidades hifenizadas. Não apenas as dos seus *regressantes*, mas as daqueles que lá se foram fazer *imigrantes*. Daí que este livro, mais do que uma conversa sobre um mundo distante, se pretenda um contributo para a conversação socio-política e cultural num país subitamente enredado nas malhas da aldeia global.

Providence, Rhode Island

2 de Fevereiro de 2010

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA